Filhotes Fofinhos 2

AUTODIDATA
Editora Comercial Ltda.

LIVRO ILUSTRADO

FOFINHOS DE VERDADE!

CONSULTE O PREÇO COM SEU JORNALEIRO

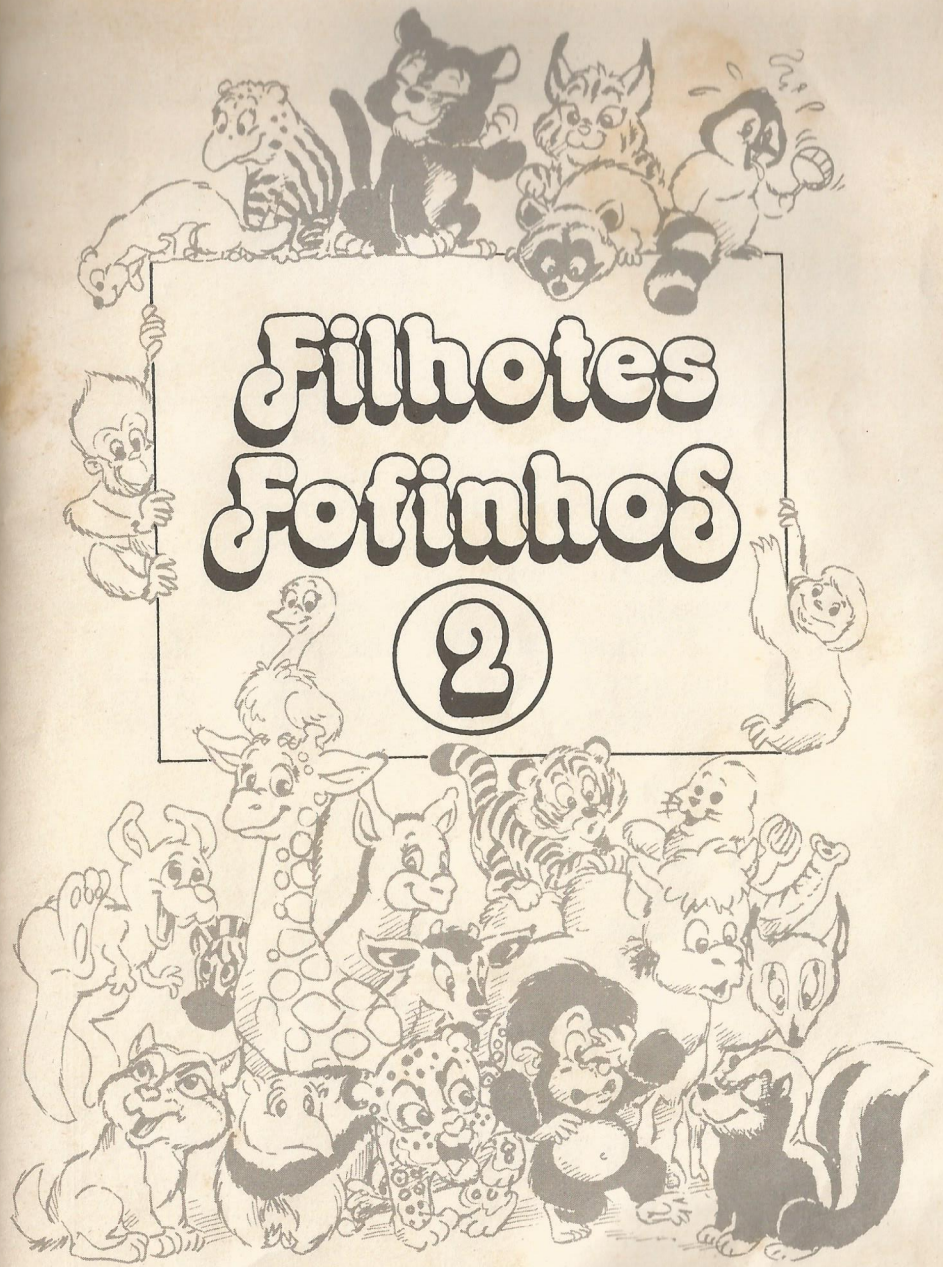
EDITORIAL

Olha os FILHOTES FOFINHOS de volta! Só que agora a turma é nova e vem de diversas regiões da Terra. São alegres, espertos, agitados ou preguiçosos mas, principalmente, são FOFINHOS de verdade!

Você vai se divertir e aprender muito com eles completando esta bela e fácil coleção de apenas 24 cromos, com deliciosas historinhas sobre cada um dos FILHOTES.

Acaricie à vontade estes FILHOTES FOFINHOS, eles vão adorar!

Filhotes Fofinhos 2



MILA

Mila é uma lince agitada que não pára no lugar. Vive aprontando com todos, inventando mil maneiras de não parar de brincar.

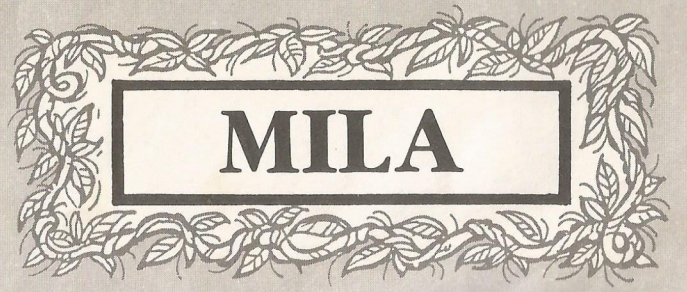
Mamãe sonhou que teria uma filhinha dengosa, destas filhas bem charmosas que só elogios merecem. Mas os modos da sua filha são modos muito marotos, de verdadeiro moleque.

Mila só não corre mais porque fôlego uma lince não tem pra dar e vender. No entanto, sobe em árvores, sobe em tudo que aparece e, quando ela cai na água sabe nadar pra valer.

Mamãe pergunta se existe algum método capaz de ensinar a sua Mila a ser um pouco mais feminina. Mas quem disse que estas coisas são coisas que alguém ensina?

Todo mundo sempre nasce com o seu jeito de ser. É muito difícil que Mila fique dengosa ao crescer. Têm coisas que, com o tempo, até ficam diferentes. Outras não têm remédio, já fazem parte da gente.

Mas amor de mãe é coisa que não encontra barreiras. Mila sabe que é amada, não importa como cresça, mude ou não as suas maneiras!



BIRA

Bira já nasceu com um ar de enfezado. Mas cedo deu pra sentir que era só aparência. Bira era um gorila que tinha muita paciência.

No seu grupo, alguns filhotes, bem maiores do que Bira, faziam todo o possível para deixá-lo de birra.

O grupo ficava sempre reunido na floresta. Primeiro se alimentava e depois fazia a sesta. O líder observava, as mães embalavam os filhos. E, num canto, os mais velhos tiravam um bom cochilo.

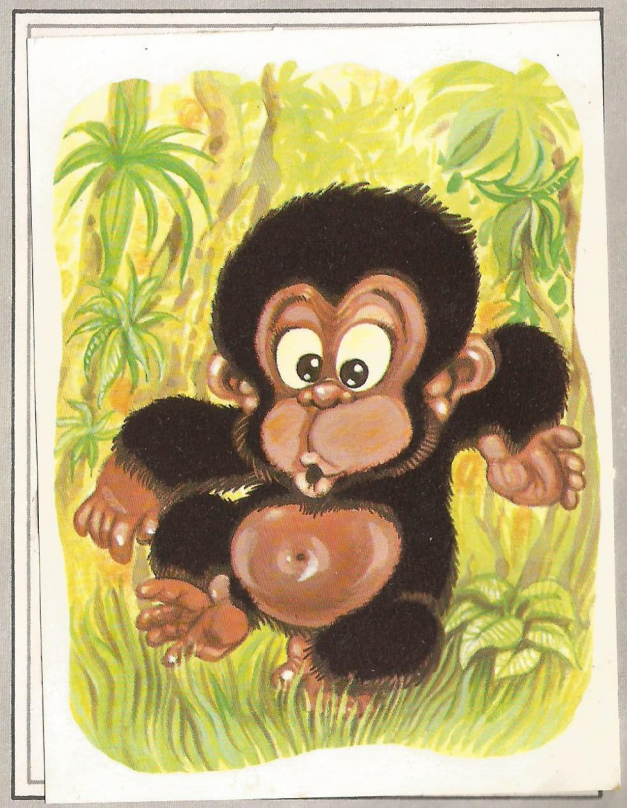
Mas que vida mais pacata essa de ser gorila! Só restava, pra animar, tentar provocar o Bira!

"Qual o quê! – alguém dizia. Esse Bira não reage? Quem sabe se insistindo mais um pouco ele não tenta? Paciência tem um limite. Como é que o Bira agüenta?"

Desta vez então o Bira fez mais do que só olhar. Enfrentou aquela turma e concordou em brigar.

Mamãe, que assistia a tudo, simplesmente comentou: "Por isso que muitos pensam que gorila é violento. Se tiver provocação, até o meu pacato Bira vira um bichicho briguento!"

BIRA



NECO

Neco vivia triste, solitário e caladão. Falava só o necessário, fugia de confusão. Já não procurava amigos pra bater papo ou brincar. Que estava com problemas, ninguém podia negar. Mas o problema de Neco era um sonho bem comum. Sonho de ver o mundo, sem esquecer canto algum.

Um filhote de camelo cresce mesmo depressinha, mas paciência pra esperar, o triste Neco não tinha. Decidiu que fugiria bem naquela madrugada. Para isto preparou-se como sempre ouviu dizer: "Um camelo que viaja deve muito comer!"

Comeu e bebeu bastante, fez reservas pra alguns dias e começou a viagem que ele tanto queria. Viu nascer e morrer sol mais de uma vez, com certeza. E estava adorando conviver com a natureza!

Porém, Neco percebeu que na direção que estava, alimento não havia e água não encontrava. Neco sentiu as pernas doloridas, sentiu fome, e no fundo da barriga, um frio que não tinha nome.

Ao ver papai, lá ao longe, sentiu-se, aliviado, apenas uma criança que pensou, por ser ingênua, que um camelo não se cansa!

NECO

NINA

Nina é tão pequenina, mas decidida de fato. Quanto resolve o que quer, não aceita qualquer papo. Difícil dizer ao certo porque Nina é desse jeito. Talvez nem mesmo a Nina possa entender direito!

Um dia veio dizendo que seria independente. E, uma vez decidido, seria mesmo impossível tornar isto diferente. Doninha não ter líder pra mandar é bem normal. Mas tudo tem um limite. Muita solidão faz mal!

Nina vai apanhar ovos para ela e mais ninguém. Às vezes, Nina consegue. Outras vezes, fica sem. Pensa que ela, nestes dias, pede socorro pra alguém?

Outro dia, orgulhosa, ela quis mostrar seu salto. Jurou que alcançaria a outra margem do rio. Só que o pulo, ao invés de bem comprido, foi alto. E lá no meio da água a pobre da Nina caiu. Muitos quiseram ajudar, mas a Nina recusou. Seu orgulho, que é enorme, ajuda não aceitou.

Mas um dia esta doninha será forçada a entender que sozinha deste jeito ninguém consegue viver. A mamãe nem mais insiste, pois agora já compreende: "Com Nina não há o que falar. É vivendo que se aprende".

NINA

PERI

Peri ensaia os coices que dará no bando inteiro. Zangado, sem mais nem menos, dá coice no companheiro. Caso Peri perca um jogo, ou ainda, uma corrida, dá um coice no adversário e logo encerra a partida.

"Veja só se é possível ter um filhotinho assim. Todos vêm, o dia inteiro, reclamar dele pra mim!" – diz mamãe aborrecida. Bem que ela fala, ensina, recomenda, determina. Põe de castigo, proibe, faz o que pode ser feito. Deve haver uma maneira de acabar com este defeito!

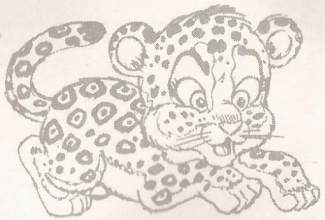
Órix não é de briga, não gosta de provocar. Passa o dia escondido, confusão quer evitar. Apesar de ser valente, só dá coices e patadas quando não é possível que seja feito mais nada.

Para Peri, no entanto, qualquer acontecimento que o desagrade um pouco já é o suficiente para dar coices feito louco.

Mas seu tio, um velho órix, calmo e muito experiente, diz que isto vai passar. Diz que coice de filhote nem dá para machucar. Que ele é apenas levado, tem tempo para aprender. E, orgulhoso, o tio comenta: "Puxou a mim o filhote. O que se pode fazer?"

PERI

TECA



Teca era uma oncinha esperta e muito orgulhosa. Tinha orgulho de ser onça pois isto lhe garantia a fama de ser valente. E o fato de ser fêmea não deixava esta fama ser menor ou diferente. Podia ser bem miúda, ao invés de ser graúda. Podia ser bem magrinha, ao invés de muito forte. Só o fato de ser onça já era ter muita sorte!

Ser onça, ali na floresta, era uma diversão. Podia fazer tudo errado que todos lhe davam razão. Podia inventar histórias bem malucas, fofoqueiras, que logo alguém afirmava ter aquilo acontecido daquela exata maneira.

Medo era uma coisa que não existia para quem nasceu onça e, corajosa, não temia ninguém.

Mas, o que ela não dizia é que havia um medo sim. Era medo de água fria e era um medo sem fim. Todo dia, bem cedinho, era hora de nadar, mamãe vinha de mansinho e tinha até que empurrar. De água a esperta oncinha não queria nem saber. Só com muita energia, mamãe conseguia vencer.

Porém, este é um segredo que quem descobre logo esquece, pois o medo de água some logo que uma oncinha cresce!

TECA

RAJÁ

Rajá viu seu bando, aflito, correr até o lobo ferido. E, comovido, também viu com que carinho e cuidado o lobo foi socorrido.

O ferido era a sua mamãe que, um pouco machucada, precisava de ajuda. Mas, para um bando de lobos, a questão de ajudar é uma regra bem antiga que ninguém tenta quebrar.

Mamãe seria tratada até ficar forte outra vez. E, então, para surpresa de Rajá, o que foi que o papai fez?

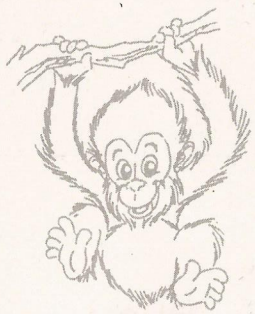
Assumiu papel de mãe e dos filhos tomou conta. Foi buscar o alimento, ajeitou o esconderijo. Arrumou algumas folhas pra forrar o seu abrigo. Protegeu mamãe do frio, fez com que se alimentasse. E, zangado, proibiu que qualquer filho chorasse.

Mamãe dizia estar bem, com conforto e com calor. Jurou que já não sentia nem uma ponta de dor.

Rajá, o pequeno lobo, percebeu, com alegria, que estava orgulhoso. Orgulhoso por seu pai cuidar deles com carinho. Orgulhoso por ser este o seu lar e o seu ninho.

E foi mesmo neste instante que Rajá disse querer ser igualzinho ao papai no dia em que ele crescer!

GODÔ



Godô fez sua cama no alto galho da árvore e lá ficou matutando, completamente encolhido. Por que será que preciso de dois braços tão compridos? E Godô, só de pensar, chegou a perder o sono. Ficou ali no seu galho, no maior abandono.

Seu amigo chamou uma, duas vezes, desistiu. Godô, que ainda matutava, nem mesmo o amigo viu. Veio a mãe e veio a tia preocupadas em saber como é mesmo que podia um filhote tão esperto passar tantas horas seguidas sem querer ninguém por perto?

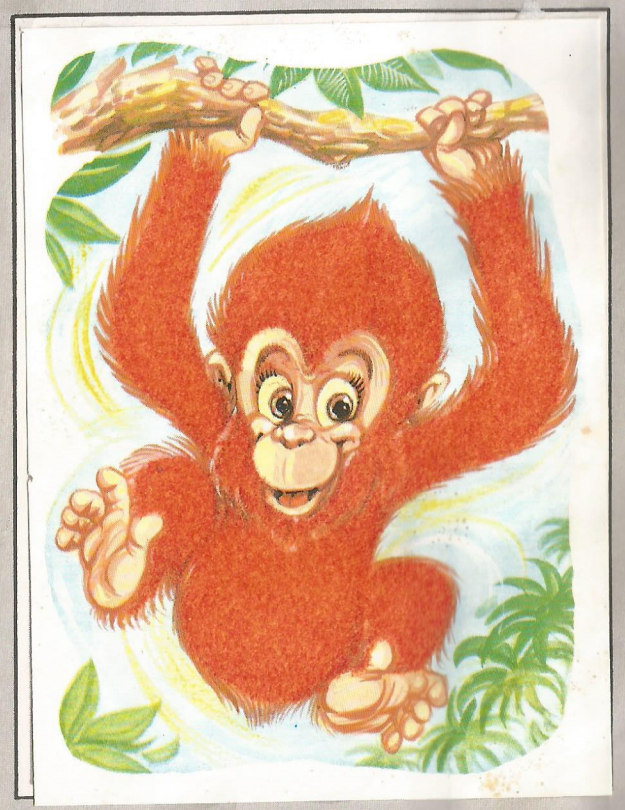
E Godô, quieto e bem sério, continuou lá pensando: "Quem é que precisaria de uns braços de tal tamanho?"

Enquanto pensa e repensa, no galho Godô rebola e se enrosca ainda mais. E tanto ele vira e revira, que chega a dar a impressão que não se soltará jamais!

Com as pernas para o alto, os longos braços abraçam galhos que vão balançando. Parece que vai dar um salto, mas ele está só descansando!

E é nesta pose enrolada que Godô vai descobrir onde está a utilidade destes dois braços compridos em alguém de tão pouca idade!

GODÔ



QUIM

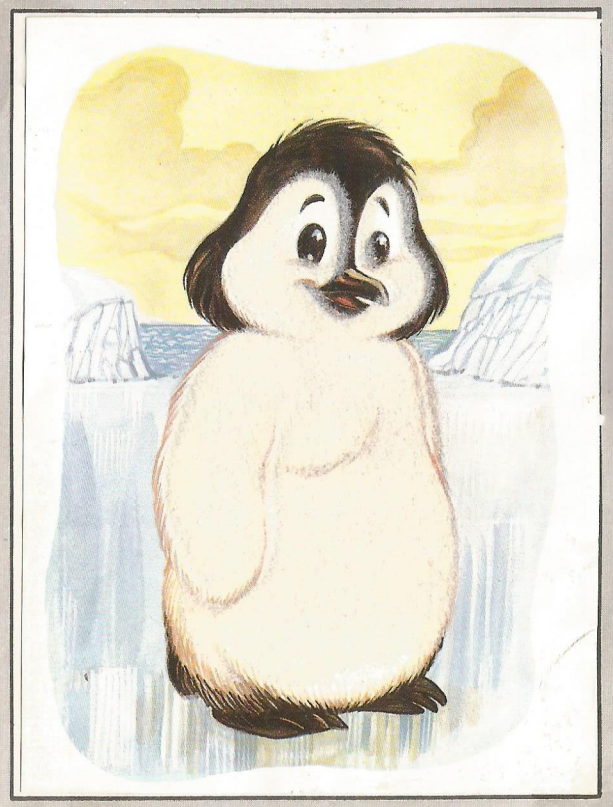
Quim era um amável filhotinho de pingüim. Eram muitos seus amigos. Amigos de qualquer idade. Quim era camarada e só falava a verdade. Pelo fato de ser assim, todos naquela colônia diziam ser impossível alguém não gostar de Quim.

Se alguém estava triste, ou ainda, preocupado, bastava falar com Quim pra ficar bem-humorado.

Foi por isso que os amigos resolveram fazer festa. Homenagem para alguém que tantos favores presta. Distribuíram convites para todos do lugar e também para bem longe, onde puderam alcançar. Prepararam muitas coisas pra comer e pra beber. Só que fizeram tudo sem que Quim pudesse ver.

E no dia da surpresa, os pingüins, alvoraçados, foram buscar o amigo que ficou encabulado. Chegou a pedir desculpas por estar mal arrumado!

Mas Quim só ficou assim, porque muitos dos pingüins, aqueles já bem crescidos, estavam todos vestidos com o fraque alinhado que a natureza lhes deu. Parece que Quim esqueceu que também vai crescer bastante e poderá, elegante, desfilar com um fraque seu!



GABI

Gabi era a última dos sete filhotes que formavam uma fila comprida atrás de mamãe. Estavam indo caçar, atentos às lições de como viver a vida. Gabi distraiu-se com os pássaros, com as flores do caminho e, quando percebeu, estava mesmo sozinha.

Assim que se viu perdida, Gabi tentou dar um grito, mas este, de tão aflito, ficou preso na garganta. "Chorar será que adianta?" – pensou Gabi, assustada. "Chorar não adianta é nada!"

Em seguida, alguns passos, alguns ruídos estranhos deixaram Gabi preocupada. Então procurou lembrar os conselhos da mamãe: "Não se mova, feito morta. O que for nem mesmo importa. Por último, se preciso, lance aquele perfume que espanta inimigo!"

E foi o que ela fez, ainda que amedrontada. Fechou os olhos, deitou-se, completamente parada. O animal chegou perto, farejou, andou em volta, tocou uma, duas vezes, achou que ela estava morta.

Quando chegou a mamãe, inimigo já ia longe. Não se soube se era onça, se era porco ou outro bicho. Só se soube é que Gabi, a pequena cangambá, foi capaz de usar o truque com muito talento e capricho!

GABI

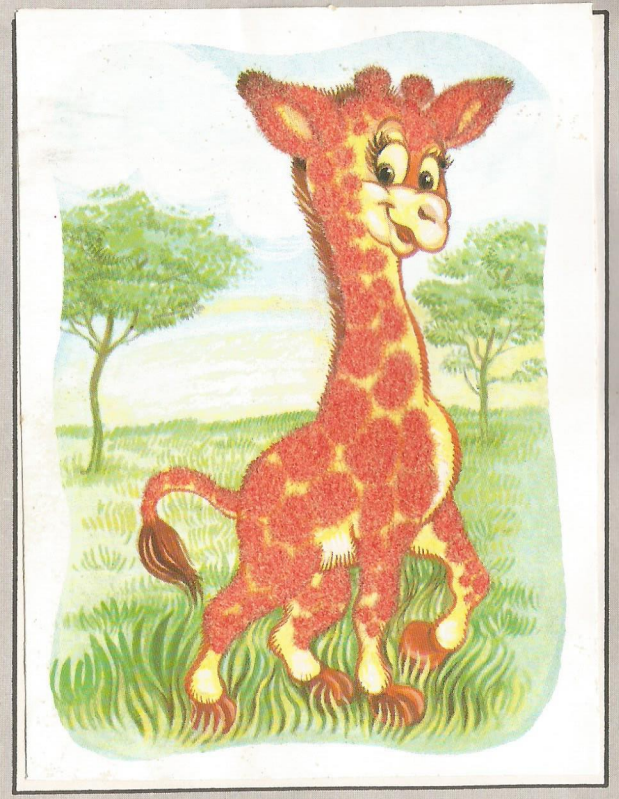
FAFA

Fafa nasceu há poucos minutos e já quer ficar em pé. Suas patas são compridas e é difícil equilibrar seu corpo já bem pesado para um bebê carregar. Fafa se esforça um pouco, começa a sentir cansaço, mas logo depois, contente, exibe o primeiro passo.

Depois deste esforço todo, nem bem acabou de nascer, Fafa reclama da fome que começa a crescer. Mama, mama sem parar, ganha um pouco de carinho, depois sai pra passear, descobrir o seu caminho. Caminho do esconderijo que mamãe já escolheu, pois nenhum leão precisa descobrir que ela nasceu.

Fafa então fica sabendo da rotina da sua vida. Terá como professora a mamãe, que é tão sabida. Aprenderá a correr, a galopar pelos campos, e também a prevenir-se dos problemas que são tantos! Aprenderá que na lama fica bem difícil andar, pois com seu peso e tamanho é capaz de escorregar. Mamãe diz que as girafas na água não se dão bem, no entanto, com suas pernas, correm como ninguém.

Só de ouvir as novidades, Fafa já quer crescer e, enquanto mama, ela espera que as suas pernas, tão compridas, sejam mesmo suas amigas e logo parem de tremer!



FAFA

ZILÁ

A tarde está caindo e Zilá, zebrinha distraída, toma água na margem do lago, esquecida dos perigos da floresta. Para Zilá tudo é festa! Separou-se da manada, sem dizer uma palavra. Foi andando lá na frente, toda feliz e contente. Nada existe que a assuste e ninguém a amedronta. Sua mãe, tão preocupada, chega a sentir-se tonta!

O leão a observa, atento e silencioso. Leão é bicho esperto, bicho muito cuidadoso. E apesar dos bons ouvidos, Zilá não pressente o perigo. Vai matando sua sede, achando a vida tão boa! E a mamãe, falou à toa? Não repetiu tantas vezes tantos conselhos amigos, de quem já viveu bastante e sabe enfrentar os perigos? Não falou dos seus receios? Não tentou ensinar tudo por todas as formas e meios?

Aí está o momento do qual tanto ela falou. E só agora a zebrinha distraída reparou. Por sorte o leão fez ruído, Zilá apurou os ouvidos, ao longe viu a manada e saiu em disparada!

Desta vez valeu o susto e Zilá compreendeu. De repente até entende conselhos que a mamãe deu!

ZILÁ

FILÓ

Filó quer ser campeã de mergulho e natação. Tão pequena e decidida, quer passar a sua vida cuidando da vocação. Vocação para nadar toda foca tem, é certo. Porém, igual a Filó, é preciso admitir que é difícil ver por perto.

Mesmo assim, Filó bem cedo já começa a treinar grandes mergulhos e saltos, algumas acrobacias, além de nadar e nadar.

Sua torcida, que é bem grande, dá a Filó incentivo e, de quebra, todo apoio que acreditar ser preciso. Ajuda Filó a pescar, a garantir o alimento, pra que ela volte a nadar sem que perca muito tempo.

Marca o tempo do mergulho que recorde quase bateu. Marca quantas foram as idas e as voltas que ela deu. Todos ensaiaram os gritos afinados que darão, tão logo soe o apito da grande competição.

Filó faz muito exercício durante a manhã inteira que, além de manter a forma, fortalece as nadadeiras. E a todos Filó garante que, ao vencer, afinal, ganhará troféu, medalha e manchete no jornal.

Só falta marcar a hora, só falta marcar o dia pra que Filó realize sua doce fantasia!

FILÓ

CIÇA

Agarrada nas costas da mamãe, Ciça reclamou que tinha fome. Mamãe andava tão lenta, tão lentamente seguia, porém a fome de Ciça num instantinho crescia. Enquanto a folha tenrinha, faminta, Ciça mascava, tranqüila como sempre sua mãe lhe avisava: a árvore onde moravam estava quase vazia, seria preciso mudar talvez no próximo dia.

"Se mamãe leva uma hora pra andar de um galho a outro, pra mudar para outra árvore um dia só será pouco." Foi o que pensou a Ciça que, apesar de ser preguiça, queria aprender a correr com a onça-parda, vizinha. Mas isto era apenas sonho, coisa mesmo de criança e mamãe aconselhava: "De correr, perca a esperança!"

Mas não é que Ciça teve uma ótima surpresa bem no dia da mudança? Pra chegar logo adiante, ali bem perto do lago, mamãe muito demorou. Mas não é que a mamãe do lago não desviou? Foi indo devagarinho e nele então mergulhou!

Ciça adorou a novidade de também poder nadar. Dentro d'água uma preguiça até pode mergulhar? Claro! Não é tão ligeira, não dá pra competição. Mas para Ciça, esta surpresa já causou grande emoção!

CIÇA

PETO

Peto estava muito intrigado com as estranhas perguntas que fizeram os amigos que, durante o passeio, ele tinha encontrado.

O primeiro, sorridente, veio a Peto perguntar se de burro era parente. Afinal, suas orelhas não eram em nada diferentes! O segundo quis saber se Peto era da mesma raça ou parente afastado de algum tipo de girafa.

E ainda, um terceiro achou Peto parecido com um antílope do bosque, que era seu conhecido. E teve um quarto também, que falou que aquelas listras só podiam ser de zebra. De zebra e de mais ninguém!

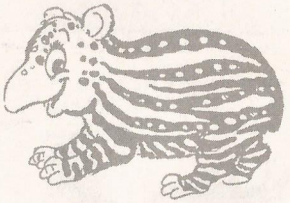
Peto então ficou confuso e voltou para sua casa repetindo num sussurro – "Afinal, quem serei eu: um antílope, uma zebra, uma girafa ou um burro?"

Foi papai quem satisfez a sua curiosidade. "Todo ocapi, meu filhote, faz esta mesma pergunta quando tem a sua idade." Papai explicou que os ocapis são parentes da girafa, apesar de parecidos também com outros animais.

E, no passeio seguinte, antes que alguém perguntasse, Peto já desafiava: "Sou parente da girafa. Quer ver qual de nós corre mais?"

PETO

LELÉ



A anta cheirou o filhote e olhou atentamente para poder lhe dar um nome que fosse conveniente. Com quem ele parecia? O que fazia lembrar? Mamãe estava indecisa sobre qual nome lhe dar.

A filha, tão pequenina, parecia estar perdida, ainda sem se dar conta do seu começo de vida. Olhou a mãe vagamente, procurou se levantar. Andou poucos passos somente. Talvez quisesse mamar.

Sua mãe, ao perceber, logo quis matar sua fome e pensou: "Eu amamento enquanto escolho um nome".

Mas sua cria parecia não saber o que queria. Deitava, andava um pouco. Rodava, ficava em pé. E a mamãe ficou pensando: "Será que ela está lelé?" E assim foi batizado o filhotinho de anta. Um nome que combinava com o seu jeito de ser. Alguém meio distraído que não sabe o que fazer.

Mamãe chamou a Lelé, que logo do nome gostou, pois, esperta, levantou-se e com apetite mamou.

E este era apenas o início de uma vida bem tranqüila. Lelé adorou a mãe. A mãe adorou a filha!

LELÉ

CADÚ

Cadú está, todo alegre, passeando na bolsa da mamãe. Cada salto que ela dá é uma grande aventura. Passear assim é mesmo uma gostosura!

Cadú esquece que ele fica ali, bem protegido, do cansaço, da poeira, longe de todo perigo. É mamãe quem anda, corre, leva pra passear, quem procura o alimento, quem dá os saltos no ar. E o danado ainda insiste pra mamãe continuar!

Cadú já foi avisado que está bem perto o dia em que mamãe será obrigada a acabar com esta folia. Afinal, o tempo passa, nunca pára de passar. Com o tempo, Cadú cresce, não pode na bolsa ficar. E ele não vê a hora de ser livre e ir por aí, dando saltos de alegria, dia e noite, noite e dia.

Vez ou outra, no entanto, Cadú já sente saudade desta bolsa que o abriga desde a mais tenra idade. Dá vontade de pedir que o tempo vá mais devagar, que não tenha tanta pressa de ver Cadú saltitar!

Mas isso é mesmo impossível, Cadú sabe muito bem, pois o tempo anda ligeiro e não espera por ninguém. Enquanto isto, Cadú, de carona na barriga, curte gostosos saltos e divertidas corridas!

CADÚ

GINA

Gina é uma fêmea de guaxinim curiosa até demais para seu pequeno tamanho. Gina já nasceu assim. O que vê alguém fazendo, não resiste e faz igual. Não pensa se é perigoso, se faz bem ou se faz mal.

Sua mãe se defendeu do inimigo com mordidas. Gina tentou imitar e o inimigo fez com que ela saísse numa corrida.

Viu quando o pai foi caçar o caranguejo na areia. Pôs a cauda no buraco e o caranguejo caçou. Gina achou que também seria fácil conseguir a sua ceia. Procurou uma outra toca, pôs a cauda e esperou. Como sempre, o caranguejo viu a cauda bem peluda e, sem pena, a beliscou. Todos guaxinins ouviram seu grande grito de dor!

"Por que Gina não pergunta sobre o que quer saber? Por que Gina imagina que tudo já pode fazer?" – o pai perguntava à mãe, a mãe perguntava ao pai. E Gina até prometia não fazer artes jamais!

Às vezes, é muito bom ser assim tão destemida. Outras vezes, é melhor não se julgar tão sabida. Mas a danada da Gina só vai ver a vida assim, depois de se convencer de que ainda é pequena, filhote de guaxinim!

GINA

CLÔ

Clô era filhote da avestruz que, por ser a mais alta do bando, era sua sentinela. Qualquer animal que surgisse, em qualquer das direções, seria visto por ela. Por isso, todos queriam ter a sua companhia. Sentiam-se mais seguros. Ela sempre os protegia!

E Clô ficava enciumada e dizia não ser justo: "Só querem a sua presença para não levarem sustos?"

Mas não era só por isso que da sua mãe gostavam. Afinal, todas do grupo muito bem enxergavam. É que sua mãe era calma e sabia organizar uma fuga com cuidado, sem ninguém se apavorar.

Numa manhã bem quente, mamãe estava trabalhando. Enquanto todos andavam, mamãe ficou vigiando. E Clô percebeu com que amor e com que eficiência mamãe cuidava do grupo, da sua sobrevivência.

A partir deste momento, Clô mudou de opinião. Não ficou mais enciumada e nem fez reclamação. Pra mostrar que este serviço já estava aprendendo, ela arregalava os olhos até ficarem ardendo. Contou para a sua mãe que seria sentinela. E, disfarçando, comparava, a todo instante, sua altura com a dela!

CLÔ

VIC

Vic aceitou o convite de morar em outro lugar. Quer mesmo ter outra vida, sem ferir e ser ferida. Apesar de ser pantera, jamais será uma fera.

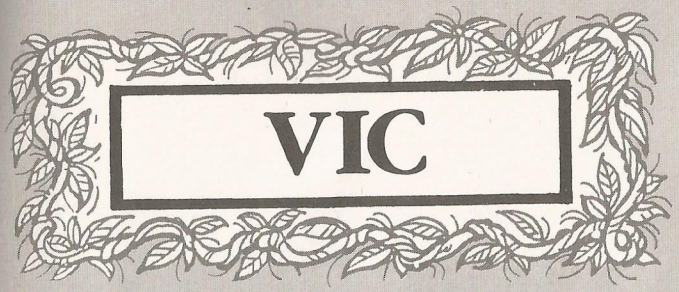
Mamãe chorou um bocado, papai ficou do seu lado. Tentou mostrar à mamãe que Vic é diferente. É até bem corajosa, mas não o suficiente. Na floresta, os perigos estão em todas as partes. Defender-se é uma arte!

Vic ama viver na floresta, pois ali tem liberdade. Mas ela quer outra arte que não a de se defender. Vic quer ser artista, quer ser capa de revista, pra que todos possam ver.

Quer ser artista de circo, cinema, televisão. Fazer um comercial, ser uma grande atração. Por isso Vic aceitou morar num imenso parque, que muita gente visita buscando divertimento. Quem sabe se lá a Vic não revela mais depressa o seu enorme talento?

No parque, os visitantes costumam fotografar. Quem sabe alguém até filme todo o seu charme ao andar?

Papai convenceu mamãe que ficou mais conformada. Queria a filha mimada debaixo do seu nariz, mas acha mais importante saber que Vic é feliz!



RUBI

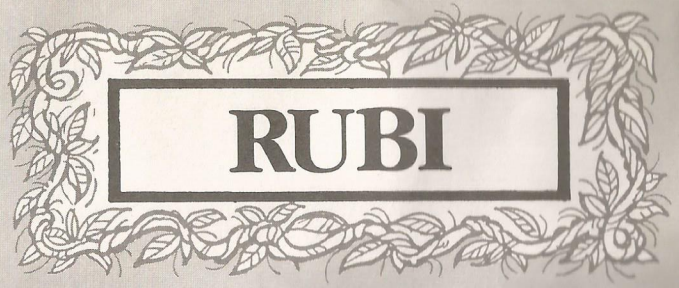
Num bando de antílopes tão bem-humorado, tão calmo e tranqüilo, jamais exaltado, nasceu o Rubi. Tão lindo e saudável, Rubi era mesmo um filhote adorável. Foi bem recebido, ganhou mil presentes, ficou conhecendo seus vários parentes.

Depois de alguns dias passar instalado em lugar bem seguro pra evitar os apuros, ele foi convidado pra dar um passeio. Nem muito na frente, nem muito atrás, Rubi, protegido, andou bem no meio.

Era ainda bem cedo e o sol, escondido, deixava o vento soprando bem fresco. Depois do passeio, a água gelada matou sua sede igual a um refresco.

Porém, voltando pra casa, mal começaram a andar, Rubi farejou o perigo que estava a se aproximar. Depressa o leão chegou, mas Rubi não se apavorou. Fez um tamanho alvoroço que, mesmo sendo ele um filhote, o bando saiu correndo num surpreendente galope!

Rubi, ainda tão pequeno, a todos provou que tem uma ótima visão e um bom olfato também. Muito cedo na sua vida descobriu todo o prazer de ser útil e, estando atento, do seu bando proteger!



PACO

Paco era um tamanduá que nunca se divertia. Era mesmo um animal cheio de melancolia.

Os filhotes da floresta brincavam muito contentes, enquanto Paco, ao longe, tentava entender porque com ele eram diferentes. "Por que ninguém me procura? Por que ninguém se aproxima? Por que será que esta turma brincadeira não me ensina?

Havia só um filhote que ficava preocupado ao ver que Paco vivia completamente isolado. Dia a dia o tal filhote ia no parque brincar e no seu peito crescia a vontade de com Paco conversar.

"Nem pensar! – diziam os outros. Esta tolice não faça. Já pensou se, estando perto, o tamanduá te abraça?"

Mas, sem ligar, o filhote teve pena e o convidou. Até sobre o medo da turma, para Paco ele falou. "Então é por isso que passo o tempo todo sozinho? A fama do meu abraço correu o mundo inteirinho? Meu abraço é perigoso quando vou me defender. Amigos não têm que temer!"

E uma vez explicado, e uma vez entendido, Paco conquistou a turma e hoje tem grandes amigos!

PACO

PONG

Pong fica aborrecido se a mamãe briga com ele. Diz que alguma arte é coisa bastante normal, coisa mesmo que faz parte da vida de um animal.

Pong é curioso, além de muito guloso! Vai procurar alimento sozinho, sem avisar e mamãe, muito aflita, logo começa a gritar. Chama, chama, diz seu nome, deixa o bando alvoroçado e o filhote só aparece depois de ter almoçado.

Pong quer saber o que tem lá bem no fundo do rio. Se debruça na beirada, todos chamam preocupados e ele finge que não ouviu. Dá um trabalho tremendo tirar um filhote da água. Principalmente elefante que, de pesado, não nada.

Se Pong vai para o castigo, fica inventando histórias e finge bem direitinho ter perdido a memória. Mamãe, muito preocupada, com carinho o examina. De teste, faz mil perguntas e assim a manha termina. Daí é bem natural que mamãe brigue outra vez e explique para Pong qual o erro que ele fez.

Mas no fundo, bem no fundo do seu coração maternal, Pong é logo perdoado, pois ela também acredita que um pouco de arte é normal!

LINO

Lino é um lindo felino. É roliço, é listrado e tem o pelo macio. Tem uns olhos bem espertos de quem tudo já sabe e viu. Se tudo já viu não se sabe. O que todos têm certeza é que Lino é um filhote muito observador. E esta qualidade para um tigre tem valor.

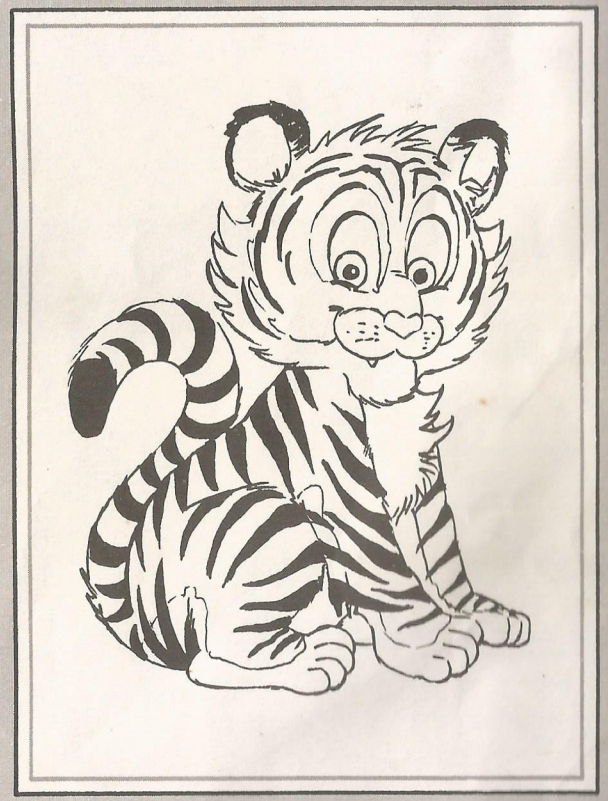
Lino, que é apressado, não esperou ser convidado para sair com seu pai. Papai saiu para a caça sem ver o filhote atrás.

Lino prestou atenção em tudo que o papai fez. Como ficou de tocaia observando o animal, como foi que deu o salto, sempre fenomenal. Lino pensou que bastava assistir uma caçada e sair fazendo igual, como uma fera malvada.

Mas Lino é tão inocente que não viu qual o tamanho do animal que estava ali. Nada mais e nada menos que um imenso javali. Lino imitou o papai e agachou-se para o bote. Com esforço deu um salto. Esqueceu que era filhote!

O seu salto tão pequeno só fez chamar a atenção do javali que, enfezado, veio em sua direção. Lino, em disparada, correu para perto do pai. Hoje mama, sossegado, e sem convite não sai.

LINO



ONDE VIVEM OS FILHOTES FOFINHOS.

O ESTADO DE S. PAULO

ESTADINHO

Faça um negócio de gente grande.

Anuncie no melhor jornal de gente pequena.

DO ESTADINHO

CLASSIFICADOS

negócio de criança

Para anunciar, os pais ou responsáveis devem ter em mãos CIC e RG, além de fornecerem nome, endereço e data de nascimento. O pagamento poderá ser feito com os seguintes cartões de crédito: Ourocard, Credicard, Dinner's, Sollo, Bradesco, Elo, American Express e Nacional. Ou por cobrança bancária.

Ligue para 856.9922, Classificados por telefone.

Filhotes Fofinhos 2

Para completar o seu Livro Ilustrado "Filhotes Fofinhos" envie o seu pedido para **Caixa Postal 15222 – Cep. 01599 São Paulo, SP.** contendo o nome do personagem e a quantidade desejada.

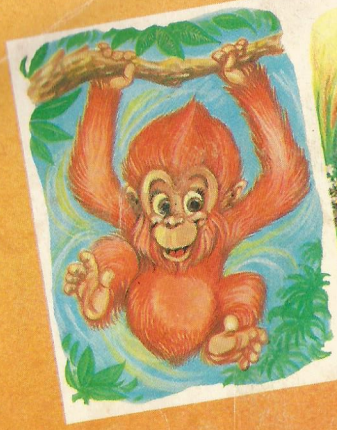
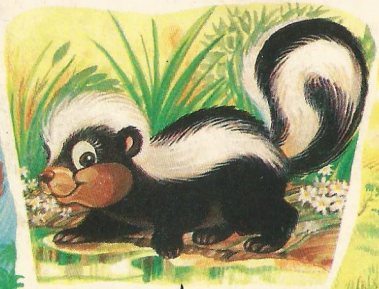
O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal à **AUTODIDATA EDITORA COMERCIAL LTDA., ou** Vale Postal para **Agência Nº 400.823 – Cambuci São Paulo, SP.**

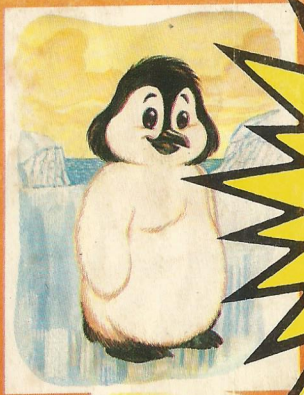
O preço de cada cromo solicitado através de carta é o dobro do preço de venda nas bancas de sua cidade.

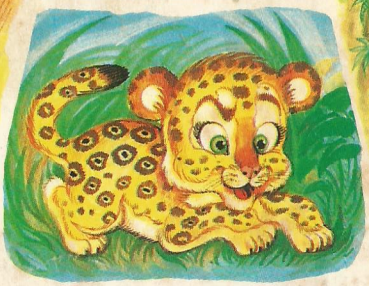
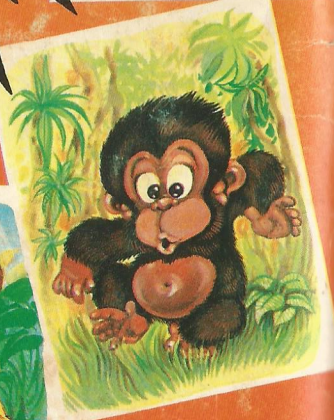
Os cromos deste Livro Ilustrado foram impressos e distribuídos em quantidades rigorosamente iguais não havendo cromos difíceis.

O preenchimento deste Livro Ilustrado não dá direito a brindes ou qualquer outra forma de premiação de acordo com a Legislação em vigor.

LIVRO ILUSTRADO: "Filhotes Fofinhos" - Publicação: Autodidata Editora Comercial Ltda., Rua Itapeva, 378 Cj 23 - Cep 01332 - São Paulo/SP Tel: (011) 284-1214. **Editores:** Adilson Bastos de Castro, José Lima Martelletti **Criação e Produção:** Signo Cine Vídeo Comunicações S/C Ltda. **Diretor:** Ruy P. Barbosa. **Desenho:** Guilherme Alvernaz Barbosa. **Texto:** Sonia Salerno Forjaz. **Ilustração:** Perotti. **Arte e Produção de Texto:** Gisele Cristina H. Ottoboni e Márcia Zorze. © 1990 Autodidata Editora Comercial Ltda. Distribuição Exclusiva Fernando Chinaglia S.A. Gráfica Editora M.N.J. Ltda.



24
NOVOS
CROMOS
FOFINHOS!